

O cuidado da enfermeira às mulheres vítima de violência doméstica: a expressão da alteridade

Kardene Pereira Rodrigues^(*)

Helder Machado Passos^(**)

Isaura Letícia Tavares Palmeira Rolim^(***)

Daisy Maria Conceição Santos^(****)

Resumo

Trata-se de um ensaio filosófico, tendo como referencial teórico, o filósofo judeu Emmanuel Lévinas. Após intensa leitura de artigos e teses que discutiam sobre alteridade, violência, feminino, humanização com referencial teórico de Emmanuel Lévinas e uma entrevista em língua francesa do Filósofo Emmanuel Lévinas inicia a produção de algumas reflexões.

Palavras – chave: Enfermeira. Cuidado. Violência doméstica. Mulher.

the care of the nurse to the women victim of domestic violence: the expression of the Alterity

Abstract

This is a philosophical essay, having as theoretical reference, the Jewish philosopher Emmanuel Lévinas. After intense Reading of articles and theses that discussed alterity, violence, feminine, humanization with theoretical reference of Emmanuel Lévinas and na interview in French language of the Philosopher Emmanuel Lévinas begins the production of some reflections.

Key words: Nurse. Care. Domestic violence. Woman.

A inquietude faz urgir a necessidade de escrever sobre um encontro em meio a um desencontro, a oportunidade de expressão da alteridade, em uma situação que o eu enfermeira pode não fazer da outra extensão de si, a comparação das incomparáveis.

^(*) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – PPGNF. Universidade Federal do Maranhão. Bolsista da CAPES. E-mail: kardene02@gmail.com.

^(**) Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão- UFMA. Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Enfermagem – PPGNF-UFMA. E-mail: passos.helder@yahoo.com.

^(***) Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Professora Associada do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – PPGNF- UFMA. E-mail: leticiaprolim@yahoo.com.

^(****) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: daisysantos@gmail.com.

Francisco (2013) declara que a velocidade com que as mudanças ocorrem e a materialidade, talvez sejam os motivos para o embotamento das consciências e a negação das raízes da essência humana.

A proposta de discutir o cuidado da enfermeira a mulher vítima da violência perpassa pela demarcação da mulher como alteridade, se apresentando única, diferente. A violência impetrada pelo homem vem da necessidade de dominar o que não é igual, é um choque, com não reconhecimento da mulher como alteridade (ALMEIDA, 2013).

Dentre algumas inquietudes está a questão de ouvir, o ver para além, porem persiste uma verdade absoluta que lesa a diversidade de vidas que vivenciam a questão da violência doméstica, enquanto que o comprometimento com o cuidado através de um agir profissional deve ser todo esforço (FRANCISCO, 2013).

De acordo com Almeida (2010) a mulher vitimada é reduzida, sendo aprisionada com correntes da sua própria história, o processo de condicionamento a faz acreditar na imutabilidade de sua própria condição de vítima e pessoa, anulando a sua subjetividade e desconsiderando o concreto inconclusivo, o choque do eu (masculino) com o outro (feminino).

A tentativa será de refletir sobre o cuidado oferecido pela enfermeira à mulher vítima de violência doméstica, rosto não conhecido, porém que grita no silêncio durante a relação de cuidado, relação no contexto da sociedade contemporânea da primazia do Eu e a expressão da alteridade. A abordagem terá como referência o filósofo judeu Emmanuel Lévinas.

Metodologia

Trata-se de um ensaio filosófico, tendo como referencial teórico, o filósofo judeu Emmanuel Lévinas. A tentativa será de imanentizar o cuidado oferecido pela enfermeira à mulher vítima de violência doméstica.

Após intensa leitura de artigos e teses que discutiam sobre alteridade, violência, feminino, humanização com referencial teórico de Emmanuel Lévinas e uma entrevista em língua francesa do Filósofo Emmanuel Lévinas iniciei a produção de algumas reflexões.

Resultados e Discussões

Demarcação da mulher como alteridade

Em outros momentos da história ocorreram inúmeras tentativas de identificação da mulher, porém quanto a alteridade nada era buscada. Estabeleceram a relação de forma específica entre o corpo feminino e função social do casamento e da maternidade. A partir do útero formou-se a imagem moralmente de superioridade das mulheres, desde que este fosse funcional (ALMEIDA, 2013).

A perseguição do pensamento dos opostos se concretiza na oposição masculino/ feminino.

A categoria está inserida na divisão sexual masculino/feminino, se sedimentando, onde um é forte e outro fraco, alguém que domina e outro que obedece. Entre os pares categoriais de forma hierarquizada se instala um modelo enquanto outro é visto como negação ou falha. A utilização da palavra ‘homem’ para designar a totalidade dos seres humanos representa uma homogeneidade, é um modelo que se impõe fazendo com que a mulher seja um desvio, diferente ou como outro (FRANCISCO, 2013).

Idealizar a mulher como “outro” não está incorreto do ponto de vista da ética e da política, porém quando o outro é entendido como quem deve ser secundarizado, anulado ou discriminado deve ser visto como incorreto.

A realidade sempre se apresentando dicotomizada com apelação para outros pares de opostos como no caso de objeto/sujeito, preto/branco, corpo/espírito. Há uma hierarquia valorativa, pois um binômio, com um dos elementos que determina e lidera o que deve ser (FRANCISCO, 2013).

Para Aristóteles¹ a mulher é uma privação. O homem é a totalidade e a mulher uma falha, um homem mutilado, passiva, incapaz de controlar suas emoções, sendo o seu papel secundário. A igualdade só será plenamente realizada na diferença, a mulher é o outro.

¹ Aristóteles, importante filósofo grego. Um dos pensadores com maior influência na cultura ocidental. Foi discípulo do filósofo Platão. Elaborou um sistema filosófico no qual abordou e pensou sobre praticamente todos os assuntos existentes

O feminino se apresentava anteriormente como alteridade, agora a alteridade é feminina, ou seja, a mulher é presença e ausência, linguagem sem ensinamento, por isso silenciosa, presença sempre discreta, segredo, mistério (ALMEIDA, 2013).

Emmanuel Lévinas utiliza as características vistas como inferiores para descrever a alteridade do feminino que se apresentou como inferior sendo responsável pelo sentido último do ser humano, pois o sujeito que se abate não é mais o sujeito forte vencedor de batalhas, mas um sujeito que se enfraquece e se sensibiliza com e pelo outro e se torna feminino (MENEZES, 2008).

Para Almeida (2010) o feminino faz nascer no sujeito multiplicidade, onde se torna andarilho, não é possível mais a centralidade no eu mesmo. O reducionismo ao “um” da multiplicidade não será mais possível. O feminino adivinha a proximidade suportando o peso da significação ética.

Para Lévinas (1982) tudo parecia atingido pela identidade do sujeito, o feminino se apresenta como a improbabilidade desse não atingimento, por ser a diferença. O feminino não está sob a luz, é mistério, é o que há por trás da porta fechada que não nos deixa ver o outro lado, assim o feminino mantém sua alteridade, se mantendo outro de forma absoluta.

A violência como choque do eu e do outro

O sujeito viril, herói, masculino continua como existente puxando o mundo para si, defronta-se com o feminino na essência outro e assim, mistério. O ser feminino tem a capacidade de desarranjar. A alteridade pertence a natureza feminina, a multiplicidade forma a sociedade, a diferença atravessa o próprio sujeito. O feminino é a diferença (MENEZES, 2008).

Em algumas vezes a forma de ser do feminino viabiliza algumas formas de dominação diante do mundo. Lévinas (1982) ressalta que no esconder-se o feminino assume sua força.

O Eu age como se estivesse sozinho, onde o resto do cosmo desaparece e não está lá para receber a ação. A violência nega toda alteridade do outro. É uma ação sem colaboradores, onde o Eu impera e dar socos no ar (ALMEIDA, 2013).

O Outro é a parede que não se vê, mas que está lá e quando mais se nega a presença dela mais se tenta derruba-la, abduzi-la. O Eu é impessoal e o Outro é toda divergência, é o que não se aceita, é o que precisa não ser (MENEZES, 2008).

O Eu encontra-se acorrentado em uma existência egocêntrica, enquanto o Outro é toda liberdade, por isso precisa ser absorvido. A unicidade do Eu e do Outro não se ausenta por conta do relacionamento. A relação sem consciência do outro é arena de combate, o eu tenta conhecer o outro, pois a estranheza do outro é pura perturbação.

A violência é a resposta da totalização do sujeito, a negação da alteridade. A consolidação do ser exclui o outro, violenta. O choque ocorre quando o eu não aceita a concretude e singularidade do outro.

O cuidado segundo Emmanuel Lévinas

Pensar em cuidado segundo o filósofo Emmanuel Lévinas é conjeturar a articulação entre o universal e o singular, sendo que o singular não se sujeita ao universal, demandando alteridade (MENEZES, 2008).

De acordo com Almeida, (2014) a responsabilidade do cuidado não é escolhida, mas uma resposta à rogatória do outro. O relacionamento de cuidado irá exigir além da pessoa cuidadora e do ser cuidado, é fundamental modos éticos e conceituais.

A liberdade se dá pela responsabilidade, onde a infinitude aparente do conhecimento do cuidador se depara com o concreto e diferente, a partir daí a sensação de finitude.

A relação proposta por Emmanuel Lévinas favorece a alteridade do próximo. O cuidado não é mais ao gênero humano, mas sim ao outro concreto e singular.

O cuidado se apresenta face a face guiado pela sensibilidade que interpela a questão da ação puramente humana (SANTOS, 2007).

As ações de cuidado da enfermeira são inseparáveis do se pode chamar plano da sensibilidade, à medida que cuidar de uma pessoa, hipoteticamente, implica –se em ver e sentir. A sensibilidade inicia todo exercício do cuidado.

Ainda de acordo com Santos (2007) não se cuida apenas de um corpo – matéria, corpo em disfunção ocasionada pela doença, mas se cuida de inseparáveis corpo-psíquico-somático-espiritual vulnerável. O cuidado ético é em essência responsabilidade pelo outro.

Qualquer fala deve ser a partir da sua história, a prevalência da fala do outro, mesmo que esse não esteja mais aí, assim falamos a partir dos ecos, vestígios daqueles que passaram. O feminino em seu silêncio deixa o outro falar (ALMEIDA,2014).

A dor perenal tem tanto direito a expressão como o torturado ao grito. O tempo é sempre o encontro com o outro, com infinito que se faz mistério (ALMEIDA, 2010).

O cuidado da enfermeira a mulher vítima de violência doméstica

É muito comum ouvirmos de enfermeiras como expressão de cuidado a seguinte ideologia: “*cuido como gostaria de ser cuidada*”. Posicionamento que evidencia que a enfermeira não foi atingida pela alteridade do outro, pois o vê como extensão de si (ALMEIDA, 2010).

De acordo com Francisco (2013) a relação de cuidado entre a enfermeira e a mulher vitimada precisa ser desigual, não há relação na igualdade. O entendimento que a demanda do Eu não se compara com a demanda da Outra.

A enfermeira está avezada por patologias com seus sinais e sintomas, conseqüentemente converte a mulher vitimada em um objeto representável, algo parecido com suas preferências. A outra passa a ser finito, tocável e espelho.

É fundamental que a expressão da alteridade no cuidado prestado pela enfermeira seja o acolhimento do rosto, a capacidade de reconhecimento da exterioridade desse rosto que convoca a responsabilidade (ALMEIDA, 2013).

Tanto a enfermeira que cuida e a mulher que é cuidada devem encontrar espaços para a singularidade. No cuidado a enfermeira precisa arpoar a querela da alteridade e que esta não se compara a sua, a identificação da enfermeira como mulher não deve rechaçar a alteridade e sim fluir em singularidades no espaço universal.

Considerações finais

É necessária uma outra via do cuidar às mulheres vítimas de violência doméstica efetivada na relação cuidadora-mulher a ser cuidada. É inadiável se pensar e realizar um cuidado onde o Eu não seja complemento, extensão e o impensável, onde o outro situa se além da ausência ou presença.

Sobrepor o critério ético fundamental da alteridade às situações de saúde é atender à exigência de atribuir ao indivíduo uma competência moral e posiciona-lo como sujeito do cuidado, sendo a enfermeira também convocada a participar.

A expressão da alteridade se dará no contexto relacional, no entendimento da enfermeira como alteridade que cuida de outra alteridade em um momento que pode ser comum as duas, porem sentidos de uma forma única.

Referências

ALMEIDA, Débora Vieira de. A filosofia levinasiana numa experiência de cuidar em enfermagem: a humanização decorrente da alteridade. *Rev. Enf. Ref.*, Coimbra v. ser III, n. 9, p. 171-179, mar. 2013 . Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832013000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2016. <<http://dx.doi.org/10.12707/RIII1235>>.

ALMEIDA, Débora Vieira de. A Filosofia de Emmanuel Lévinas como fundamento para teoria e prática do cuidado humanizado do enfermeiro. 2010. 195 f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALMEIDA, Débora Vieira. Humanização dos cuidados em saúde: ensaio teórico reflexivo fundamentado na filosofia de Emmanuel Lévinas. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis , v. 23, n. 3, p. 767-775, Sept. 2014

.Available from:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000300767&lng=en&nrm=iso>.

FRANCISCO, Arlete Maria. A mulher como “o outro”: gênero, violência, ética e alteridade. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2013.

LEVINAS, Emmanuel. *Éthique et infini*. Paris: Librairie Arthèmes Fayard et Radio France, 1982 (Biblio essai Le livre de Poche).

MENEZES, Magali Mendes de. O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis , v. 16, n. 1, p. 13-33, Apr. 2008 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2008000100002&lng=en&nrm=iso>.

SANTOS, Luciano Costa. *O Sujeito é de Sangue e de Carne: A sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Lévinas*. 2007. 278 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Texto recebido em: 09/11/2017.

Texto aprovado em: 11/11/2017.